

Werner Leber

Trata-se de um dos textos mais brilhantes de Scheler e toda filosofia fenomenológica do século XX. Scheler faleceu cedo, mas suas publicações são de um esplendor filosófico comparável ao de Heidegger e Husserl.

## PARTE I

O autor rejeita de princípio que a diferença de grau, ou seja, que a inteligência e a capacidade de escolhas seria o que diferencia animal e homem. Sobretudo porque escolhas o animal também faz; e inteligência ele também tem, conforme os disseram os pensadores de linhagem de Darwin e Lamarck. Para Scheler a diferença estaria para bem além do que se chama inteligência. Onde então? Scheler escreve de modo engenhoso, que aqui reproduzo:

O novo princípio encontra-se fora de tudo isto que podemos denominar “vida” no sentido mais amplo possível. O que torna o homem *homem* não é um novo estágio da vida – com maior razão tampouco apenas um estágio de uma forma de manifestação desta vida, da *Pysche*. Ao contrário, ele é **um princípio oposto a toda e cada vida em geral, também à homem no homem**: um fato autenticamente novo que não pode ser absolutamente reduzido como tal à “evolução natural da vida”, mas, se é que pode ser reduzido a algo, apenas ao fundamento único e supremo das coisas mesmas. Deste fundamento a “vida” é **uma** grande manifestação.

O que entender do que Scheler quer dizer? Primeiramente Scheler nos diz que os gregos empregavam o sentido da expressão razão de um modo diferente do que o empregamos hoje. Razão, se entendi, deve ser entendida mais não como raciocinar de modo operativo, mas de um modo em que o ser humano pode se situar “fora” daquilo que se chama vida. Em outras palavras, Scheler quer retomar o sentido de razão no sentido de “espírito”. Mas o que isso? Scheler responde assim: “[...] **é o seu desprendimento existencial do orgânico, sua liberdade, sua separabilidade [...], portanto, também de sua própria inteligência pulsional**”.

O espírito, nesse sentido, daria ao ser humano uma condição que o torna um ser singular, ou seja, o capacita a se situar fora de toda questão volitiva, pulsional da vida. Ou como se pode ler nessa passagem em que o autor afirma: *“dito de maneira mais incisiva: o “portador” de espírito é aquele ser cujo trato com a realidade exterior assim como consigo mesmo se inverteu em um sentido dinamicamente oposto ao do animal com a inclusão de sua inteligência*”.

Como entender isso? Scheler está a nos dizer simplesmente que no animal nada ocorre fora das questões fisiológicas. Seu sistema nervoso o leva sempre a fazer tão somente o que os instintos (volição e pulsão) indicam como corretos. O animal assim age e assim se preserva. A preservação da vida está dado na questão instintiva. Mas o homem age do contrário. Pode até destruir a sua vida e a dos animais também. *“Tudo o que os animais podem notar e pegar de seu mundo reside nas barreiras e nos limites seguros seu meio ambiente*”, diz-nos o autor.

Scheler sustentará nas páginas adiante dessa tese que o oposto acontece com quem tem “espírito”. O ser humano alça-se a objetos, põem-se metas que não se orientam por nenhuma pulsão ou

instinto. O ser humano tem o que denominamos intuição, e isso faz toda diferença. A forma como nos dirigimos às coisas nada tem a ver com a natureza. Scheler escreve aqui que há três maneiras pelas quais o homem afasta-se da pulsão e mergulha em uma situação que Scheler chama “abertura do mundo”. E assim escreve: “*O homem é o X que pode se comportar “abertamente para o mundo” em uma medida ilimitada. A gênese do homem é a elevação até a abertura do mundo por força do espírito*”.

Essa perspectiva leva o autor a concluir nessa primeira parte que o animal não tem um “objeto” ao qual se voltar. O animal carrega uma estrutura biológica e pulsional consigo aonde quer que ele vá. Scheler chega a dizer nessa passagem que o animal carrega sua estrutura natural, pulsional, instintiva consigo da maneira que um caramujo leva a sua casa. O animal não se afasta do meio ambiente, enfim, “[...] ele não consegue transformar este meio ambiente em um objeto” informa-nos Max Scheler. Disso se segue que o animal pode até ter uma consciência diferente das plantas, observa nosso filósofo, mas não tem uma autoconsciência de si, não consegue se dominar, ou, como quer Scheler: “*Ele não possui a si mesmo, não detém o poder sobre si mesmo – e por isto também não é consciente se si*”.

E Scheler fecha essa primeira parte em que faz essas diferenciações, afirmando: “*Reunião, autoconsciência e capacidade objetiva de resistência pulsional originária formam **uma única estrutura ilacerável** que, como tal, só é própria ao homem*”. Conforme meu entender, desse ponto em diante, o filósofo começa um outro desdobramento dessas questões iniciais ou conceituais. Se possível, ainda retomarei essas análises, que aqui apresentei parcialmente. Em todos os casos, já traço algumas conclusões. Scheler, assim como Heidegger, Merleau-Ponty, Karl Jaspers, Marcel, Paul Tillich, Sartre, foram alunos do Método Fenomenológico fundado por Husserl, e foram todos seus alunos diretos. As expressões “essencialidade” e “objeto” que Scheler emprega têm a conotação da filosofia do “ato intencional” do velho Edmund Husserl.

## PARTE II

Na página 41 do texto que tenho em mãos, Scheler nos diz que só o homem tem a noção de “coisa”; só ele reconhece objetos - só ele diferencia coisa e substância. Sobre essa perspectiva de nosso autor, considero significativa a passagem que abaixo citada:

[...] o homem tem desde o princípio um espaço próprio. O espaço que o cego de nascença aprende, por exemplo, ao ser operado, não é um ajuntamento de “espaços” originais cindidos, como o espaço do tato, o espaço visual, o espaço auditivo, mas apenas a identificação de seus dados sensoriais como símbolos e propriedades de uma coisa existente em outro lugar.

Como entender? Por mim, explico assim: o homem tem uma dimensão ontológica de estar entre as coisas. Muito antes de localizar as coisas em particular, e categorizá-las, o homem tem uma dimensão total e integrativa com as coisas, ao mesmo tempo que se sabe diferenciado delas. E assim diz Scheler: “*Elas só são possíveis para um ser espiritual cuja insatisfação pulsional excede constantemente sua satisfação*”. Eis a parte mais inteligente de Scheler.

Em Scheler o Espírito é o centro da questão. Mas tem algo que em Scheler difere da filosofia tradicional, e essa diferença é o que ele denomina espaço e a relação deste com o que ele denomina espírito. É o caso do cachorro no jardim. Scheler diz que um cachorro pode viver anos em um jardim, mas um cachorro "*não tem um jardim*". Tradicionalmente, identificamos espaço com geometria, como se espaço fosse algo a ser preenchido por um objeto. Me parece que o termo espaço em Scheler é bem outra coisa. Ele é atualidade, não uma coisa separada do homem. Ele é uma ontologia, que Scheler descreve assim: "[...] *o espírito é o único ser que é por si mesmo incapaz de ser objetivado – ele é pura atualidade, só tem seu ser na livre realização de seus atos. [...] A pessoa só e em seus atos e através deles*".

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE A ABERTURA FILOSÓFICA DA OBRA DE SCHELER**

A maneira como Scheler pensa é inovadora e polêmica. Como o foram todas as publicações dos "filhos de Husserl", como Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre, Marcel e o próprio Scheler. Alguns pensadores são questionados se a "filosofia" que praticam é "filosófica". Esse questionamento recai também sobre Scheler, em especial sobre o texto do qual analisamos aqui uma pequena parte. Pode haver uma filosofia não filosófica? Como se classificaria uma filosofia de "não-filosófica"? Certamente, Scheler, ao discutir um assunto que aparentemente é mais próximo da biologia ou da neurociência, pôs-se em uma discussão no mínimo não-tradicional. Sobretudo, se considerarmos que o texto é anterior à Segunda Grande Guerra. Todavia, Scheler em nada está fazendo análise de fatores naturais sobre as diferenças entre humanos e animais, como tamanho de cérebro, cromossomos, dna. É exatamente o descricionismo natural com que se diferencia animal e ser humano nas ciências, que Scheler condena. Não é na descrição de diferenças naturais apenas a diferença fundamental entre pessoa e um cachorro, por exemplo. No que me diz respeito, acho essas perguntas, quase sempre feitas por pessoas dogmaticamente formais, sem qualquer cabimento. Pois, não acho correto questionar, por exemplo, se Freud foi filósofo ou se Jacques Derrida é antifilósofo, tendo em vista que as produções desses dois autores foram *sui generis* no campo das ideias. Se alguém quiser negar os fundamentos filosóficos desses dois autores, terá que encontrar um meio racional de impugnar as prerrogativas. E onde buscará esses meios? Na biologia, na física, na química? Claro que não. Como então chamar alguém de não-filósofo sem empregar um critério filosófico? É o caso de Scheler. Esteja tratando de problemas que aparentemente são naturais, ele o faz por uma perspectiva de reflexão que não deriva de nenhuma ciência, a não ser da ciência geral do ser, a filosofia, como dizia a Aristóteles.

O argumento do autor está alicerçado em uma visão de filosofia com a qual concordo. Já li muitas vezes afirmações do tipo, "Foucault nem era filósofo"! Isso porque Foucault, entre várias outras coisas, escreveu sobre medicina, psicologia e o poder como manifestação psíquica, pulsiva, volitiva. Daí que alguns não considerarem isso filosofia. Como se a filosofia tivesse uma regra única, um cabedal que vai de Sócrates e chega até Nietzsche, Heidegger, Derrida. Como se o pensamento filosófico estivesse restrito a uma certa esfera cultural. O que ocorre, daí nosso comentador dizer que "[...] a lógica da distribuição impede que as pessoas a vejam", é que a filosofia está enclausurada em um certo tipo de academicismo, que é mediterrânico (Grécia, Itália e Turquia) e europeu Setentrional. Esse padrão mensurador é ridículo. Schopenhauer brigou com Hegel por isso. Schopenhauer abandonou uma carreira de sucesso para viver de migalhas porque não aceitava, como seu colega de academia, Hegel, que a filosofia se transformasse em um conteúdo restrito a certas pessoas: os especialistas em análises e discursos filosóficos. Peguemos, por exemplo, Husserl. Certamente o mais honesto, dedicado e expressivo pensador europeu do século XX. Mas esquecido. Por quê? Ora, era formado em matemática. Sofreu na mão dos academicistas europeus. O reprovaram em sua primeira Tese de Doutorado. Mas sem Husserl não teríamos Merleau-Ponty, Sartre, Heidegger,

Marcel, Vattimo, Derrida, Sheler, Tillich. Não há questões filosóficas na literatura? Estou lendo "Onde encontrar sabedoria" e "O cânone Ocidental", ambos de Harold Bloom. Os filósofos acadêmicos diriam que ele não é filósofo. Pois vou dizer uma coisa, Harold Bloom, nesses dois livros apresenta uma erudição, um conhecimento de filósofos antigos e atuais e os integra com Shakespeare, Cervantes, Goethe de um modo que nunca vi ninguém fazer. E por acaso Machado de Assis, José Saramago não pensaram também filosoficamente? A bem da verdade, o filosofar não está restrito a quem estuda filosofia de um modo técnico. Filosofar está intrinsecamente dado ao ser humano à medida que ele pensa, age, se indigna, avalia e pensa sobre seu mundo. Toda literatura, seja chinesa, indiana, persa, africana, brasileira está repleta de estruturas, de questões que, em última instância, caracterizam o ser humano: a reflexão. E não é a filosofia, acima de tudo, a reflexão sobre as coisas, sobre como acontecem, sobre de onde viemos, se a vida faz sentido, se a religião é útil, sobre se os ateus também serão salvos, sobre a exatidão dos números, sobre o alcance da tecnologia, sobre as pesquisas científicas, sobre a ética na política e por aí. Que povo e que cultura não se deparou com questões assim?

## REFERÊNCIA

SCHELER, Max. *A diferença essencial entre o homem e o animal*. In: **A posição do homem no cosmos**. [tradução e apresentação de Marco Antônio Casanova]. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2003, p. 34 - 46. (Coleção: Fundamentos do Saber)

## NOTAS

SCHELER, Max. **A posição do homem no cosmos**, p. 35. Os grifos da citação são do tradutor e não meus

Op. cit., p. 36.

"Desta maneira, um ser *espiritual* não está mais vinculado a pulsões e ao meio ambiente", diz Scheler, op. cit., p. 36

Op. cit., p. 36-37.

Id. *ibid.*, p. 37.

Op, cit., p. 38.

Id. *ibid.*, p. 38.

Id. *ibid.*, p. 38.

*Ibid.*, p. 39.

*Ibid.*, p. 39.

Op. cit. P. 42.

Op. cit, p. 42.

Conforme descrição nas páginas 43-44.

Op. cit., ver página 44.

Id. *ibid.*, p. 45. Essa perspectiva filosófica remete de modo claro à redução, que Husserl denominou Époche. Maurice Merleau-Ponty, em *Fenomenologia da Percepção*, tratará também desses temas sob essa ótica que tanto ele quanto Scheler herdaram de Husserl.